

Abordagem do fator cultural que desempenha a capacidade desenvolvimental através da explicação sobre a realidade despida da nação brasileira e sobre o seu povo à luz de Gilberto Freyre

Camilla Henrique Ferreira¹

Abstract: The text aims to analyze the way Gilberto Freyre sees Brazil. For the author from Pernambuco, Brazil is an example of cultural hybridism, fundamental for a democracy that recognizes and integrates diversity. The article challenges simplistic views about the Brazilian cultural configuration, with Freyre's analysis of Portuguese colonization and the formation of Brazilian society, highlighting the importance of African influences and the contribution of Afro-descendant women to the country's education and linguistic culture. The relationship between racial diversity and the construction of identity are highlighted throughout the text and brings the links of miscegenation as an element of cultural singularity, highlighting the criticism of the external view of Brazil and mainly the notion of "racial democracy" attributed to the author. Therefore, the aim of this article is to develop a more complex and empirical understanding of Brazilian society through Freyre's intellectual thought, which integrates elements of violence, exchange and affection in social relations: Freyre argues that the essence of Brazil is shaped by its unique interactions, challenging common interpretations and contributing to a deeper look at national reality. Gilberto Freyre authorizes the unique legitimacy of Brazilian culture, where Brazilian culture is not a simple copy of European models, but a singular alternative where hybridization and social relations are fundamental to understanding the country's continuous evolution.

Resumo: O texto tem como proposta analisar a forma como Gilberto Freyre enxerga o Brasil. Para o autor pernambucano, o Brasil é um exemplo de hibridismo cultural, fundamental para uma democracia que reconhece e integra a diversidade. O artigo desafia visões simplistas, acerca da configuração cultural brasileira, com a análise de Freyre sobre a colonização portuguesa e a formação da sociedade brasileira, destacando a importância das influências africanas e a contribuição das mulheres afrodescendentes na educação e na cultura linguística do país. A relação entre a diversidade racial e a construção da identidade são destacadas ao longo do texto e traz os nexos da miscigenação como um elemento de singularidade cultural, ressaltando a crítica da visão externa sobre o Brasil e principalmente a noção de "democracia racial" atribuída ao autor. Por conseguinte, o intuito do artigo é elaborar uma compreensão mais complexa e empírica da sociedade brasileira através do pensamento intelectual de Freyre, que integra elementos de violência, troca e afeto nas relações sociais: Freyre defende que a essência do Brasil é moldada por suas interações únicas, desafiando interpretações comuns e contribuindo para um olhar profundo sobre a realidade nacional. Gilberto Freyre autoriza a legitimidade única da cultura brasileira, onde a cultura brasileira não é uma simples cópia de modelos europeus, mas uma alternativa singular onde a hibridização e as relações sociais são fundamentais para entender a evolução contínua do país.

Palavras chave: Gilberto Freyre; Pensamento Social Brasileiro; Miscigenação; Brasilidade.

O Brasil é um país que fora colonizado por muitos séculos, composto inicialmente por ideais europeu-ocidentais e, principalmente, envolto ao ideal português, ideais em todos os âmbitos, entretanto, efetivamente, o ideal de explorá-la de forma desmedida, delegando-a a uma excêntrica dominada: a mercê, substancialmente, de suas imposições categóricas que a

¹ Graduanda em Sociologia pela Universidade Federal Fluminense e pesquisadora de iniciação científica no LERLOC-UFF.

desqualifica, a princípio, de livrar uma terra da subjugação - considerada um ambiente primitivo na descoberta de uma civilização europeia dominante, desqualificada de se estabelecer em completude com a sua própria característica que desponta de seus desdobramentos autênticos. O que é de fato o Brasil, apesar de toda essa maquiagem externa, qual a sua identidade real perante a toda essa absorção estrangeira que constantemente contribui consciente ou não para apagar a originalidade brasileira.

Nas obras e pensamento do intelectual brasileiro Gilberto de Mello Freyre (1900 - 1987), nascido em Recife, podemos encontrar uma vasta análise para o entendimento realístico do Brasil naquilo que tudo o cerca, abrindo caminho, por conseguinte, para o aparecimento construído e fixo da identidade nacional. Freyre destrincha os mecanismos que funcionam, não os fantasiados, e de qual forma funcionam, em certa medida, um pensador funcionalista, o intuito do sociológico recifense é entender o que e como se estrutura no sentido de uma fonte causal unívoca.

Em diversos fatores, dentro de diversos contextos, inseridos nos escritos de Gilberto Freyre, podemos passar a conhecer algumas essências feitas no país, segundo o próprio autor, a sociolinguística está precedida em sua obra *Casa-Grande e Senzala*, de 1933, por exemplo: Freyre aponta para a influência da linguagem ensinada pelas mucamas, originalmente "bás" e depois babás, às crianças brasileiras: ensino às crianças um tanto quanto aristocráticas e burguesas, filhas também de mães ensinadas nesse mesmo sistema em ser preciso o uso da duplicação de sílabas, nunca uma, para as crianças tomarem um sentido da palavra ensinada. Freyre destaca o valor da duplicação e o valor da Bá, de origem africana, ter se tornado uma grande mestre de crianças brasileiras, até mesmo, mais importante que os mestres convencionalmente lusófonos transmissores de uma ciência linguística herdada de Portugal. Ou seja, em meio ao conjunto português colonizador e imerso ao patriarcalismo, a mulher de origem africana foi a professora da linguagem que imperava na prática dos lares e na vida nacional brasileira ao longo de um grande período.

Para o autor pernambucano, esse fator sociolinguístico denota a existência ainda de intocáveis indagações psíquicas através de várias áreas do passado brasileiro que capacitam um explicar da vida e da cultura, permeando inúmeros campos de entendimento, seja eles comuns ou não: na sociopolítica, na sócio-música, na sócio interpretação geral da vida e, como a já citada, na sociolinguística perante o papel educador em grande parte feito pelas babás e conseqüentemente pelas mães também educadas pelas babás em "coisas" brasileiras - as mães e as babás foram as detentoras da responsabilidade em gerar também uma autenticidade específica que abrange o conjunto na constituição do Brasil e do brasileiro, que

não teria acontecido se o mestre livresco, lusófilo, repetidor de correções da língua imposta de Portugal ao Brasil tivesse tomado conta de fato.

Gilberto Freyre permanecia a discursar ensinamentos e narrativas características nossas, tão familiares e de pertencimento, como é ser de uma nação, ao mesmo tempo que um informativo de saberes concretos ao nosso desenvolvimento intelectual, pessoal e coletivo. Em uma palestra ocorrida no Congresso Brasileiro de Psicanálise da Causa Freudiana do Brasil, já com seus oitenta e cinco anos de vida, cinquenta e dois anos após a primeira publicação de sua considerada maior obra dentre muitas, o experiente Gilberto Freyre disse:

Uma das perspectivas que me parecem mais capazes de esclarecer a formação brasileira e permitir uma fusão dessas perspectivas, das três engenharias: a física, a humana e a social permitindo uma infiltração nelas da psicanálise, essas três engenharias ainda têm muito a que ensinar ao brasileiro. O desprendimento da formação do brasileiro de uma exclusiva juridicidade ou de uma exclusiva política ou de uma exclusiva instrução de gabinete ou um contato maior da criança brasileira através de mestres competentes com locais, com paisagens, com realizações que vêm do passado brasileiro sobre a forma de engenharia de construção em geral como foram construídos alguns muito ecologicamente: conventos franciscanos do Brasil. Os franciscanos sempre se antecederam aos jesuítas ao serem conhecedores do Brasil direto, o Brasil visto como ele e não como o português vindo para o Brasil pensava que seria. Por exemplo, os conventos franciscanos, logo de início, adoraram a arquitetura que hoje usamos, uma palavra recente na nossa língua, uma palavra valiosa: ecologia. Uma arquitetura ecológica é aquela de acordo com o ambiente brasileiro, de acordo com o sol, de acordo com as predominâncias de ventos brasileiros, de acordo com os calores brasileiros, ora, isso representa uma abordagem de engenharia, não somente física, também como humana e social representando uma reorientação do desenvolvimento brasileiro que não podia continuar a ser o que viesse da Europa, o que viesse de uma metrópole que não conhecia o que era o Brasil.

Há um vasto campo científico por entre os livros de Freyre que não somente ressoam, contudo, podem também exemplificar na realidade e vice-versa, e para além das suas teses e teorias freyreana, o próprio autor em seu caráter ativo e constante como pensador ferrenho doméstico, detetive da sua própria nacionalidade, comprova suas teses e teorias acerca do Brasil e do povo brasileiro, nascido ou em criação, investigando cenários distintos, regiões e suas personagens correntes nas terras brasileiras. Como mencionado por Freyre, Antônio Vieira (1608, Lisboa - 1697, Salvador), um homem atuante Jesuíta, mulato e mestiço, não ortodoxo, daqueles que por muito desenharam o conceito vivo de brasilidade, mesmo que nascido em Portugal, por seu tom ecoante à cultura brasileira, Antônio Vieira um homem barroco que visitou o Brasil e seus interiores, pelo norte, sobretudo, em parte o nordeste, proferindo em conferências aos púlpitos, de forma não usual ao seu conteúdo não ser

inteiramente teológico, é nesse caráter atípico de suas atividades que encontra o valor de Antônio Vieira. Vieira revelava-se um espião psicanalítico, ele fez sua espionagem ao mesmo que tornava vivos os seus sermões, transbordou em conhecimentos de intimidades que não estavam externadas, diferentemente da elite brasileira, que está de costas para o país, não apenas naquela época, mas até os dias atuais, olhando para o norte do globo, desejando ser Europa e Estados Unidos da América, Vieira encarava de frente o que era a nação brasileira e de forma crítica a questões sociais e políticas de sua época, descobrindo a existência, mesmo que ainda tímida, a uma inclinação em território brasileiro a valorizar o ser mestiço, reverberando aos poucos a quebra da mística em propagar a superioridade branca que tanto inferioriza automaticamente tudo que a difere. Vieira mostrou-se uma figura cientificamente mais elevada perante a maioria dos brancos com que havia se encontrado em cargos privilegiados.

Em relação ao famoso termo: Democracia Racial, Gilberto Freyre em momento algum, seja em fala ou escrita, o afirmou como certeza da realidade brasileira. O autor de *Ordem e Progresso*: livro de 1957 - afirma sim que o Brasil tem composições elementares para tal, o Brasil é um país em que se pode instigar e aspirar a democracia racial, aqui há a capacidade dela ser projetada, ou seja, Gilberto Freyre não considerava a democracia racial como uma realidade presente em terras brasileiras. Contudo, Freyre também constata a ideia de Brasil na mentalidade externa: em conversar com pessoas nascidas e viventes fora do Brasil sem nenhum vínculo com a nossa nação em muitos sentidos, como resposta daquilo que o país ecoa em representatividade, Freyre ouvira durante uma visita amiga estrangeira que a civilização brasileira tem uma aula a colaborar com todo o resto do mundo pela sua mistura única de raças e culturas.

É importante frisar que Freyre não tem programa normativo, diferentemente de Oliveira Vianna (1883 - 1951) que a possui de forma implícita ao receitar em certa proporção aquilo que o Brasil deve ser. O ensaísta nordestino separa a dimensão interpretativa e imaginativa da política, em sentido, resistindo conscienciosamente a dimensão moral. Gilberto Freyre se "alça", em relacionado grau, da mesma alavanca de algumas observações e diálogos estrangeiros - como, por exemplo, no do filósofo francês Montesquieu (1699 - 1755), ambos seguem a linha de historicizar a estruturação de um sistema social a partir de um conjunto de micro relações sociais que um sistema forma. O objetivo de Gilberto Freyre é entender o Brasil sem o ensimesmamento, sem o nativismo idiossincrático, ele faz comparações com os EUA e as formações socioculturais europeias, mas sem se preocupar

necessariamente com a inferioridade, e sim mirar na sua especificidade, fazendo-o por meio de um exame de cunho, evidentemente, culturalista.

A pureza racial para Freyre está longe de ser sinônimo de uma sociedade modelo, a miscigenação para ele significa razão para o sucesso, a mistura não é causa e nem consequência do fracasso social, não é um empecilho para a realização nacional. Já, por exemplo, para outro mestre brasileiro da sociologia, Darcy Ribeiro (1922 - 1997), a mestiçagem é um elemento de exaltação, sinal de que vamos superar os erros. Não há essa concepção contextual no pensamento de Gilberto Freyre, para ele: é simplesmente a constatação empírica de um novo tipo de cultura, novo tipo de sociedade, de que no Brasil se formou um diferente tipo, algo inédito, e que deve ser dada a devida atenção intelectual. O sociólogo recifense quer entender sobre vários ângulos o processo e as consequências desse processo que engendrou o tipo de sociedade, novo tipo de homem, novo tipo de cultura nos trópicos.

Freyre em sua obra prima, *Casa-Grande & Senzala*, logo no início examina o Brasil colônia, a sociedade tradicional brasileira é fincada na sentimentalização das trocas desiguais, o ingrediente base que a distingue de todas as sociedades e civilizações que foram levantadas na história humana. Em outras palavras, num mesmo quadro de relações, vamos ter três aspectos cruciais, de cunho importantíssimo: 1 - porrada, violência; 2 - a troca; 3 - o afeto. Essas três características juntas foram produzidas de maneira única pela sociedade brasileira. A análise freyreana perpassa toda a formação econômica dos primeiros quatro séculos da nação, a economia moldada e inteiramente dependente da escravidão, nesse período, o modo escravista era sinônimo de modo de produção no Brasil. Freyre nunca fora militante, aniquila de sua essência crítica o viés moralista, ainda que as relíquias do Brasil tradicional, não somente as que tecnicamente qualificariam a uma sociedade saudável (mas também a doente), estejam em homogeneidade com as demais, ou seja, os três elementos citados numa única receita em pleno vapor da república.

A trilogia elementar de Gilberto Freyre é composta, além de *Casa-Grande e Senzala*, por *Sobrados e Mucambos* - obra de 1936, que é um estudo esmiuçado sobre o Brasil em processo de modernização: da senzala para o mucambo, e da casa grande se muda para o sobrado. E o livro, título da frase escrita na bandeira do Brasil, *Ordem e Progresso*, de 1957, sobre um Brasil já contemporâneo. Por conseguinte, a formação da civilização no encontro da diversidade e da igualdade é a premissa de Gilberto Freyre, a civilização da colônia de Portugal originou-se do encontro do português, com seu *habitus* caricato com outros povos. O Brasil como nação é codificado por Freyre em várias camadas, uma nação impulsionada e

alimentada procriamente pela plasticidade do português, seguido do traço da informalidade, confusão do espaço público com o privado. O autor discorre também sobre a difusão cultural, o personalismo, patrimonialismo, corrupção, dentre outros aspectos marcantes e penetrantes para uma identidade nacional, tudo pertencente a uma mesma massa que é o país nomeado de Brasil.

Para Freyre, o Brasil é o maior produto de Portugal, o português se adaptou ao contexto inóspito, o habitus não transplantou diretamente seu ideal, instituição, regras e processo culturalista, justamente por ser de um povo profundamente imerso à plasticidade, que conseqüentemente se adaptou com a presença indígena. Obs.: o elemento indígena para Freyre é decisivo, os indígenas não foram simplesmente passivos, mas comparado a outros povos indígenas da América, com construções exuberantes, pirâmides levantadas. O povo indígena brasileiro carregava a simplicidade no seu modo de vida, moravam em ocas, quando em lares construídos, e seus pertences ainda muito rústicos e de engenharia primária, no encontro do português e do indígena brasileiro não há somente o exercício de dominação - pelo português ser plástico, e nesse caráter um tanto de curiosidade externa do indígena, existe também a negociação e trocas feitas por esses grupos étnicos distintos, sem apagar o elemento violento de castigo e dominação.

O curso central de dominação foi composto em conexão com o processo de adaptação, o indígena teve contato sexual com o português, que também teve com o negro, gerando a miscigenação singular perante ao restante do mundo, em comparação principalmente aos EUA, uma nação igualmente de extensão gigantesca e colonizado por séculos pelos europeus. Esse encontro brasileiro providenciou essa mistura e não isenta a posição destaque do negro nos gêneros musicais nascidos e culturalmente enraizados no país, não excluiu também a influência negra em esportes altamente queridos penetrados numa espécie de "coração coletivo", independentemente, da classe, cor, gênero: o futebol. Freyre historiciza sobre a formação de Portugal e a ponta para a hibridização da sociedade portuguesa, antes mesmo de saber e desenvolver o Brasil, como um fator cultural exportado para a realidade brasileira em ter a predisposição em manter e difundir as relações afetivas com povos distintos: o histórico relacionamento do português com os Mouros, é uma vinculação característica dos portugueses que consolidaram a miscigenação e a diversidade, mestiçagem racial, cultural, social, espacial e etc. do Brasil.

A revivência da plasticidade portuguesa, propulsora dos jeitos brasileiros, é cotidianamente notada por exemplo na ginga, específica, brasileira. Não à toa, no Brasil encontramos ruas, bairros, cidades, lugares em geral com nomes indígenas, Tupi-Guarani,

mesmo que esses locais sejam predominantemente habitados por brancos e de classe abastada em conformidade com a concepção europeia modernizante de civilização ideal e adequada. Aliás, se Gilberto Freyre destacasse uma palavra em algum mapa resumo do Brasil, apesar de ter estudado completamente a formação histórica do país, essa palavra seria: Ambiguidade, a ambiguidade desenvolvida no Brasil é única e com um grau maior de todas outras sociedades, como visto no exemplo anterior da mestiçagem espacial, bairro com denominação indígena, moradores capitalistas com "nomes europeus", um exemplo de exposição em céu aberto do Brasil contraditório.

Vale ressaltar que a mestiçagem é um fenômeno evidentemente popular e o primeiro processo de mestiçagem não aconteceu com o africano escravizado, foi através do índio com o branco e depois se espalhou para todo Brasil. É um fenômeno de baixo e não de cima. A mestiçagem é mais forte de baixo, isto significa, é através das camadas populares, a grande massa da população brasileira, que a mistura se intensificou elevando-a à preponderância, não era um costume isolado da Casa-Grande, apesar de ter sido recorrente, é um número ínfimo comparado com o grande conglomerado de populares, brancos que não eram donos de grandes fazendas e do latifundiário se relacionavam com negros e índios. Em muitos livros como, por exemplo - Nordeste, de 1937; e Açúcar: Uma Sociologia do Doce, com Receitas de Bolos e Doces do Nordeste do Brasil, de 1939, Gilberto Freyre destaca sua região como os elementos existentes de considerá-la o berço cultural do Brasil, sociedade da cana de açúcar, a primeira apresentação sócio antropológica cultural. Segundo o autor, os principais impulsos saíram do nordeste, daquilo que podemos chamar de brasilidade. É onde os costumes expressam de forma mais eloquente, mas que se espalharam para todo o Brasil a sua essência.

A construção simbólica do Brasil moderno da perspectiva de Freyre tem três traços mais instintivos no Brasil, aquilo que faz do Brasil o Brasil. Primeiro, a emotividade; Segundo, o familismo; e por último, mas não menos importante, o personalismo. É constatado que esses traços se reconstruíram ao longo dos tempos passados por metamorfoses. Por dentro de uma nação vasta em diversidades em todos âmbitos, a unicidade nacionalista é um caráter também a ser observado, estudado e trabalhado com mais afinco, por exemplo, os brasileiros, aqui no Brasil ou não, podem mostrar-se imensamente preconceituosos com outros brasileiros, em piadas e questões mais agravadas. Mas quando brasileiros vítimas de injúrias raciais, etnocêntricas e preconceituosas sofrem através de ações estrangeiras, os mesmos brasileiros racistas entram em defesa da pessoa brasileira, principalmente se vivendo fora do país, é como se nessa situação a figura do brasileiro fosse padronizada e única, independentemente, de qual cor, etnia, a pessoa seja. A família é tudo ou quase tudo no Brasil,

segundo o sociólogo brasileiro Jessé de Souza, "O que distingue o pobre delinquente, a ralé brasileira, daquele que não é, é ter uma família bem estruturada". O voto também é pensado na família, de acordo com as pesquisas sobre a última eleição presidencial do Brasil, muitas mães votaram no candidato que mais em tese garantiria a segurança no trabalho do filho e também em sua existência.

Para o sociólogo carioca, Oliveira Vianna (1883-1951), o marco zero brasileiro se inicia após o fim da mão de obra escrava, no fim do trabalho servil. Para Freyre, não existe essa conclusão, a sociedade brasileira está em movimento, transformando-se o tempo todo, e não findado em si. Brasil, nem sistema totalizador e nem culturalismo transplantador. Em Sobrados e Mucambos, não há uma ruptura e sim uma mudança como oportunidade. Segundo o antropólogo brasileiro Roberto DaMatta, "O Brasil de Gilberto não é uma engrenagem mecânica fincada pelas leis da história ou da economia, o Brasil moderno é calórico, contraditório, incoerentemente único". Se, no programa de Vianna, o combate ao colonialismo mental é crucial, no programa intelectual de Freyre, esse viés está implícito.

No trabalho científico do autor de *Interpretações do Brasil* (1945), encontramos de forma analisada a abordagem de temas tabus como a relação sexual, entre protestantes e freiras, que não era ocasional, por exemplo. Também a sexualidade entre grupos portugueses com indígenas, indígenas com negros, negros com brancos (para o autor, havia uma predileção para práticas sexuais intensas desses grupos étnicos), uma miscelânea sexual como uma das bases culturais do processo histórico brasileiro, caráter sistemático da nossa sexualidade. É um trabalho sobre o hibridismo sem recorrer ao ativismo idiossincrático, Freyre advoga conscientemente o hibridismo como projeto cultural social. O Brasil de Gilberto ocupa um lugar diferenciado no mundo, não é idiossincrático e nem exótico, é, na verdade, uma alternativa de civilização àquelas com as quais os intelectuais não tinham contato ainda. Esses traços originais, especificismo do Brasil, importam uma visão exótica do País, mas não é. Freyre afirma que para entender o Brasil é preciso se livrar dos preconceitos e muito das categorias forjadas do contexto intelectual distinto, cujo objetivo é entender o contexto histórico. O autor da obra prima *Casa-Grande & Senzala* sabe que o Brasil tem um lugar diferenciado de todos os lugares no mundo, apesar de não ser objetivo nessa questão. Nelson Rodrigues (1912 - 1980) observou que a noção de tarefas no brasileiro são sempre peremptórias, os rebocos sociais para tapar problemas com programas perantes as consequências, mas não prezam projetos que extinguem as causas problemáticas, as que impedem a efetivação, dessa até então aspiração, de uma sociedade ideal que em tese seria brasileira.

Segundo Gilberto Freyre, na questão do elitismo e do povo brasileiro, a matéria prima, que faz a elite e o povo, é a mesma. Freyre inibe as fantasias pobristas, o coitadismo social, que o pobre é o sagrado, exclui também a ideia que existe uma massa negra feita para o genocídio, para Freyre, o acabamento do pobre e do abastado é diferente, mas são feitos da mesma argamassa. Já relacionado à ecologia cultural, o processo que gerou mais mudanças foi a vinda da família real para a política, a bagunça do foco externo, o Brasil não tem uma oposição fundamental, porém, a nossa escritura sociocultural é tão forte, tão bem montada, que não abandona com a mudança um processo interno, a formação da burguesia miúda de Minas Gerais, ou seja, o Brasil é capaz de acomodar, processar, transformar, comportar as mudanças na sociedade brasileira do ponto de vista cultural. O artífice da transformação cultural no Brasil é ela ser adestrada, na capacidade de interpretar o Brasil e os caminhos que o país abre para a sua auto formação.

O Brasil de Gilberto de Mello Freyre tem a essência, o dom desligado, que precisa ser entendido para enfim ser eclodido para a democracia racial. A construção sociocultural do Brasil permite ao país ambicionar um projeto democraticamente racial . Democracia racial não é ausência de conflitos raciais e mecanismos de encaminhamentos desses conflitos. O compartilhamento de esferas, essa articulação, essa integração entre a dimensão econômica e a dimensão sociocultural é o hibridismo. O hibridismo não pode ser colocado apenas na categoria cultural, inteiramente. O hibridismo na obra de Freyre é o compartilhamento de esferas. Essa esfera econômica em Sobrados e Mucambos permite o aspecto de atualização do jogo, dos valores, da burguesia, com o fim do trabalho escravo, ou seja, com a adaptação que a economia brasileira havia de ter, de se reinventar, não havia escapatória para ela senão seguir em frente no sentido de continuar o que era, o mercado precisou deliberadamente ser integrado à agenda capitalista ocidental, entre outros muitos campos, também com a proclamação da república. Parafraseando Freyre, o nobre rico das Minas é mergulhado no prazer cultural de encontrar fazendas, apenas para ter o gozo de ser reconhecido também como fazendeiro, imerso a um status, a distinção não tá na riqueza. O sociólogo alemão Max Weber (1864 - 1920) analisa: "o rico não quer ser somente rico, ele quer mostrar que é rico, quer que identifiquem o direito dele ser rico, querem ser considerados figuras destacadas".

Gilberto Freyre tem uma referência inspiratória de pensamento do antropólogo alemão Franz Boas (1858 - 1942) para pensar a formação de um povo a partir do não biológico, melhor dizendo, parar de pensar o homem a partir primeiramente do corpo, como se a carga genética fosse predominante no processo de formação. Ele vai ao encontro dessa leitura que a sociedade não pode ser pensada a partir de uma biologia, mas a partir de um arranjo, de uma

miscigenação, a cultura não pode ser entendida como um padrão, mas sim como um movimento de diversificação. A Formação do pensamento não pode se dar ao nível de comparação biológica, mas sim de uma inclusão cultural. A nossa formação cultural tem que passar pela leitura da diferença, qualquer projeto pedagógico, econômico, político, precisa levar em consideração as múltiplas diferenças sociais e culturais.

Analisando a obra de Gilberto Freyre em sua completude sobre toda a formação do Brasil, a estruturação do país teve um foco de poder cultural, não físico, simplesmente, por dentro da Casa-Grande e da Senzala era um poder amplamente social, ditado pelo patriarcado, o masculino predomina o sistema de dominação e no ponto organizacional, levando também em consideração toda a sua concretude, no engenho através das relações sociais dos senhores de engenho, o masculino domina sem excluir, inclusive na sexualidade do indígena e do negro. Sabemos que o sincretismo foi fundamental para a formação brasileira, a formação da identidade do próprio povo brasileiro, dos mais possíveis e inúmeros âmbitos, ditou a característica social brasileira e da sua população, uma sociedade da multiplicidade. O povo brasileiro foi criando na mistura do sincretismo com o negro vindo do continente africano, o indígena nativo dessas terras agora brasileiras e o branco português, dando origem a diversidade do Brasil.

O ponto de vista mais eloquente do sincretismo cultural a ser notado nos escritos de Freyre é a religiosidade brasileira: podemos trazer essa questão para os dias atuais, os intolerantes religiosos aqui no Brasil clamam com muito fervor ao impor a certeza da sua religião como a que dita a palavra verdadeira, os costumes e as práticas adequadas, entretanto, não se trata apenas de uma persuasão por entre seu cotidiano simples e de pouco alcance, vai mais além, apesar de ser um país laico de acordo com a constituição, a religiosidade cisma em permanecer ativamente até por dentro das influências de leis do país.

A complexidade das influências socioculturais que moldaram o país é evidenciada com perspicácia por Gilberto Freyre ao oferecer uma enraizada compreensão da identidade nacional brasileira, o autor revela como as dinâmicas sociais e culturais, muitas vezes ofuscadas por narrativas coloniais, são essenciais para entender a formação do Brasil como, por exemplo, a importância da mulher afro-brasileira na educação linguística. Sua perspectiva sobre as engenharias: física, humana e social - sugere a necessidade de uma abordagem integradora que respeite as particularidades do ambiente e da cultura brasileira, assim, propondo uma reflexão crítica sobre as bases da sociedade, enfatizando a importância de reconhecer e valorizar as raízes brasileiras para um desenvolvimento mais autêntico e sustentável.

Por conseguinte, a análise de Freyre não se limita a teorias abstratas, mas envolve uma investigação crítica e empírica da realidade brasileira, onde figuras como Antônio Vieira são exemplares na busca pela brasilidade. A realidade brasileira de Freyre também é complexa e marcada por desigualdades, porém, ao enxergar a capacidade que a nação brasileira tem de estabelecer uma realidade democrática, o pensador evoca esperança sem se desprender dos cenários hostis que marcaram séculos nas terras do país. Ao dissociar sua abordagem de normatividades e moralismos, Freyre propõe uma reflexão cultural da sociedade brasileira, reconhecendo combinações de características contraditórias, seu trabalho é uma convocação à valorização de uma identidade plural e à compreensão das dinâmicas que moldam o Brasil contemporâneo. Sua obra convida à reflexão sobre a diversidade e a pluralidade que definem o país, revelando uma identidade multifacetada e em constante transformação, e não apenas documenta a formação histórica do Brasil, contudo, também aponta para um futuro onde a soma da diversidade e a inclusão possam se manifestar de maneira mais plena.

A investigação da obra de Gilberto Freyre revela a importância de compreender a formação da identidade brasileira através de uma perspectiva cultural, em vez de biológica. A miscigenação e o sincretismo são fundamentais para a construção social do Brasil, refletindo uma diversidade rica e complexa. Freyre enfatiza que a cultura deve ser vista como um arranjo dinâmico, onde a inclusão das múltiplas diferenças sociais e culturais é essencial para qualquer projeto que vise a justiça e a equidade. Essa abordagem é particularmente relevante no contexto atual, onde a intolerância religiosa desafia a pluralidade e a laicidade do país. Assim, a obra de Freyre continua a oferecer uma lente crítica para entender a diversidade e os conflitos que moldam a sociedade brasileira.

Bibliografia

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. Várias Edições.

FREYRE, Gilberto. Sobrados e Mucambos. São Paulo, Global Editora, 2013.

FREYRE, Gilberto. Nordeste. São Paulo, Global Editora, 2004.

https://www.youtube.com/watch?v=9OgPnt9rtqc&ab_channel=Novamente2007

VIANNA, Oliveira. Populações Meridionais do Brasil. (Vol. 1). Várias Edições.